

## RECIFES DOS SABERES: A FORMAÇÃO DOCENTE COMO MOSAICO DE INCLUSÃO PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Itielly Rios Lima - [itielly@hotmail.com](mailto:itielly@hotmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-6513-9806>

Coordenadora pedagógica no Colégio Adventista da Bahia, no segmento da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (UNIAENE). Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação (2015), especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2018) e Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Educação Básica (2020) pela Faculdade Adventista da Bahia. Membro do GEPEI - Grupos de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva na Universidade Estadual de Feira de Santana.

Jéferson Felipe Gagliato - [educ.profgagliato@gmail.com](mailto:educ.profgagliato@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0649-6161>

Docente do Centro Universitário Adventista de Ensino do Nordeste (UNIAENE). Doutorando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

**Resumo:** Este estudo mergulha na formação de docentes da educação básica frente ao processo de inclusão de alunos com deficiência. O objetivo proposto, foi compreender como os docentes enfrentam e se adaptam aos desafios da inclusão, com ênfase na formação e prática docente por meio de narrativas, com o intuito de aprimorar a inclusão no ambiente educacional. A pesquisa, de natureza qualitativa, ancora-se na abordagem narrativa (auto)biográfica. Como método de coleta de informações, utilizou-se entrevistas narrativas, que foram gravadas, transcritas e analisadas à luz do paradigma compreensivo-interpretativo de Ricouer (2012) e Souza (2014). As informações contidas ao longo das narrativas destacaram a importância de uma formação docente com a grade curricular mais completa e contínua para lidar com as necessidades específicas dos alunos. Por fim, os resultados mostraram que a prática da inclusão exige um olhar atento e adaptativo, e que as identidades docentes são constituídas pelas experiências ao longo da sua jornada formativa. As experiências narrativas evidenciam preciosas vivências sobre como aprimorar a prática educacional e promover uma inclusão verdadeira e significativa.

**Palavras Chave:** Formação docente. Inclusão. Educação Básica. Narrativas (auto)biográfica. Formação contínua.

**Abstract:** This study delves into the training of basic education teachers when faced with the process of including students with disabilities. The proposed objective was to understand how teachers face and adapt to the challenges of inclusion, with an emphasis on teacher training and practice through narratives, with the aim of improving inclusion in the educational environment. The research, which is qualitative in nature, is based on the (auto)biographical narrative approach. The method used to collect information was narrative interviews, which were recorded, transcribed and analyzed in the light of Ricouer's (2012) and Souza's (2014) comprehensive-interpretive paradigm. The information contained throughout the narratives highlighted the importance of teacher training with a more complete and continuous curriculum to deal with the specific needs of students. Finally, the results showed that the practice of inclusion requires an attentive and adaptive approach, and that teachers' identities are constituted by experiences throughout their formative journey. The narrative experiences provide valuable insights into how to improve educational practice and promote true and meaningful inclusion.

**Keywords:** Teacher training. Inclusion. Basic education. (Auto)biographical narratives. Continuous training.

# INTRODUÇÃO

Cada nascer do sol revela um novo começo. É revigorante acordar mais cedo para ver o sol nascer na linha do horizonte que se encontra com o mar, tive o privilégio de contemplar essa paisagem em uma viagem com amigos. Olhando para essa cena, consigo pensar no amanhecer da educação, no despertar do desejo de aprender, na jornada transformadora de vida de cada pessoa. Podemos dizer que o adulto que somos hoje é um reflexo da criança que fomos um dia, por isso é o período mais delicado e que exige mais atenção.

Utilizo a metáfora da praia por ser um lugar que representa a renovação da minha vida. O mar, com sua imensidão representa o ambiente educacional ideal. Podemos pensar em cada aluno como cada onda do mar, umas mais agitadas e outras mais calmas contribuindo para a diversidade do mar de conhecimentos. A brisa da manhã, que dá energia ao nosso corpo, pode ser comparada com a força e a determinação contínua da educação, que vai moldando os professores e os alunos.

A educação é a base da nossa sociedade, ela desempenha um papel crucial na formação de todo indivíduo. Entre as muitas questões abordadas no campo educacional, a inclusão tem ganhado destaque crescente. A profissionalização docente na Educação Básica, especialmente frente ao processo de inclusão de alunos com deficiência, emergiu como um tema relevante e necessário de ser discutido. A escola, desempenha um papel importante na transmissão de conhecimentos e na promoção de valores como: respeito, diversidade e inclusão. A presença e participação efetiva de alunos com deficiência nas salas de aula regulares são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A formação dos docentes tem um papel crucial nesse processo de inclusão. Professores capacitados não apenas contribuí para o aprendizado dos alunos com deficiência, mas também promovem um ambiente acolhedor e empático que é essencial para o desenvolvimento pleno de todos os estudantes. No entanto, muitos educadores enfrentam desafios significativos devido à falta de preparo específico em sua formação inicial para lidar com as necessidades individuais e variadas desses alunos. Desse modo, a formação inicial e continuada dos professores, emerge como um ponto crítico para melhorar a inclusão e a qualidade do ensino.

Com isso, o estudo propõe a busca por uma trajetória que transversalize no âmbito da vida-formação, que centralizasse os processos docentes em um ambiente escolar que promova a inclusão. Essa abordagem permitiu uma retomada dos processos de formação e profissionalização, desencadeando uma reflexão sobre minha experiência como sujeito da diferença. Ao descobrir o TDAH durante minha trajetória como professora e, posteriormente, ao cursar a pós-graduação em

psicopedagogia, percebi a importância de atender às necessidades dos alunos. Ter vivido essa experiência na infância me inspirou a escrever sobre inclusão, levando-me a repensar minha relação com a pesquisa e a definir os rumos necessários ao processo de estudo.

A metodologia narrativa de abordagem (auto)biográfica, oferece um recurso poderoso para explorar as experiências dos professores no contexto da inclusão. Ao permitir que eles compartilhem suas histórias, percepções e desafios, torna-se possível fazer uma reflexão profunda sobre suas práticas educacionais e didáticas. Essas narrativas não apenas revelam as estratégias de ensino e adaptação, como também revelam suas emoções, dificuldades, desafios e conquistas no processo de inclusão educacional.

Ao analisar essas narrativas, podemos identificar as dificuldades enfrentadas pelos docentes e as estratégias que deram forma positivas e que podem ser implementadas e aprimoradas no cotidiano escolar através desse processo. Compreendemos que somos seres em constante crescimento, e cada experiência narrada contribui para um ciclo contínuo de aprendizado e ensino. Além disso, a metodologia narrativa permite uma compreensão mais profunda das necessidades individuais dos alunos com deficiência, ajudando os professores a desenvolverem suas práticas pedagógicas de forma mais inclusiva.

Portanto, o contexto entre a importância da inclusão de alunos com deficiência na Educação Básica e a relevância da formação dos docentes, revelam a necessidade de explorar e entender as narrativas dos professores. O objetivo geral desse texto é compreender como os docentes enfrentam e se adaptam aos desafios da inclusão, com ênfase na formação e prática docente por meio de narrativas, com o intuito de aprimorar a inclusão no ambiente educacional. Os objetivos incluem a) analisar as estratégias desenvolvidas por docentes para adaptar e incluir discentes com deficiência, explorando suas experiências individuais; b) identificar as dificuldades e os desafios enfrentados pelos docentes a partir de suas narrativas no processo de inclusão de alunos com deficiência e alunos que apresentam características e dificuldades semelhantes, mas, que não apresentam um diagnóstico clínico.

O texto está estruturado em duas seções, além da introdução. A primeira seção apresenta conceitos e trajetórias que formaram os métodos da pesquisa narrativa. A segunda seção explora como os educadores constroem suas experiências docente e se permitem habitar a profissão com base nos modos de viver e trabalhar em contextos de inclusão.

# METODOLOGIA

## 2. PALAVRAS AO VENTO: PERCURSOS METODOLÓGICOS FRENTE À EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Este estudo utiliza uma abordagem de natureza qualitativa, focando na narrativa (auto)biográfica. Essa escolha metodológica parte do princípio de que esse movimento atravessa todo o processo de pesquisa com ênfase nas histórias de vida e relatos pessoais para descobrir como que as pessoas interpretam suas experiências, desse feito, Gagliato (2023, p. 45), destaca:

A abordagem (auto)biográfica não apenas apresenta as narrativas das histórias individuais, mas também enriquece nossa compreensão humana, revelando a riqueza de um conjunto de diversidade, experiências e perspectivas que compõem o conjunto da vida humana. Tal método, nos convida a refletir sobre a nossa própria jornada e a considerar a importância das histórias pessoais na formação de nossa compreensão do mundo e de nós mesmos.

Neste contexto, a pesquisa com narrativas de abordagem (auto)biográfica, permite compreender as experiências docentes, apresentando um caminho para os professores se reconhecerem como narradores de sua jornada pessoal e profissional. Através das narrativas, podemos compreender como os docentes vivenciam e narram os desafios e conquistas na prática educacional inclusiva, neste contexto essa metodologia se torna relevante, no entanto:

Na pesquisa narrativa, temos a oportunidade de experimentar e nos autorizar a relatar os modos como vivenciamos as nossas experiências como pesquisador(a), revelando sentidos e significados que nossas narrativas imprimem juntamente com o que conseguimos compreender das narrativas de colaboradores(as) da pesquisa (Mota, 2023, p.5)

No movimento de compreensão da narrativa de abordagem (auto)biográfica, percebe-se a sua importância e relevância no campo educacional como um fator relevante para entender as narrativas de vida e formação dos docentes. Essa abordagem nos permite explorar as trajetórias pessoais e profissionais dos professores, revelando como as suas experiências de vida influenciam nas práticas pedagógicas e na identidade profissional. Para Silva (2020, p. 6), destaca importância:

No campo educacional, sobretudo nos estudos de história de vida-formação-profissão de professores, é recorrente a produção de justificativas para a escolha da (auto)biografia pelo fato de que essa abordagem permite ao sujeito revisitar sua trajetória, buscando ver nela como o ser professor se constitui no movimento da vida, constituída por experiências que moldam a forma de pensar e de agir de uma pessoa. Ademais, tal abordagem permite ao pesquisador interagir diretamente com o sujeito de sua pesquisa, recorrendo aos processos interlocutórios, como forma de permitir ao sujeito dar sentido a sua própria trajetória, por meio da linguagem, que emana nas narrativas diversas produzidas por alguém que fala de si, a partir da condição de ser um humano, que vive, atua e age sobre um mundo, produzido na cotidianidade e na relação com o outro.

Por meio da valorização das narrativas pessoais, é possível promover um diálogo mais

significativo e humanizado no contexto educacional, enriquecendo a compreensão sobre a formação dos docentes e suas contribuições para a transformação do ensino. Essa valorização das histórias individuais dos professores permite que se revelem as complexidades e nuances de suas trajetórias de vida, oferecendo um panorama mais completo e detalhado de seus processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional.

Ao longo do percurso metodológico, é importante ressaltar que a pesquisa foi realizada no Colégio Adventista da Bahia, localizado na cidade de Cachoeira, Bahia, Brasil. As entrevistas incluíram a participação de duas professoras da Educação Básica. Os critérios estabelecidos para participação foram: a) ser professor/a da educação básica do Colégio Adventista da Bahia; b) lecionar para estudantes com deficiência; c) ter mais de 10 anos de experiência na docência. O convite para participação na pesquisa foi feito pessoalmente, convidando as participantes para um momento de bate-papo sobre o processo de formação de docentes da educação básica no contexto da inclusão de alunos com deficiência.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente apresentadas a cada colaboradora para revisão. Os locais para a realização das entrevistas foram escolhidos pelas próprias participantes, considerando a importância de se sentirem confortáveis. As colaboradoras receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes do início das entrevistas.

Na travessia metodológica, foi utilizado o dispositivo de metáfora, para a criação de pseudônimos, com o objetivo de preservar a identidade das colaboradoras. Este recurso permitiu não apenas proteger a privacidade e confidencialidade das participantes, mas também conferiu uma camada adicional de significado às análises e interpretações dos dados.

A escolha dos pseudônimos baseou-se em características simbólicas que representa o mar, os quais, cada elemento promova uma reflexão frente aos aspectos relevantes das experiências e trajetórias das colaboradoras, enriquecendo assim a narrativa da pesquisa e proporcionando uma visão mais profunda sobre as dinâmicas investigadas. Desta forma, a utilização de metáforas como pseudônimos não só garantiu a anonimidade, mas também contribuiu para uma compreensão mais holística e sensível da pesquisa.

Ao longo das entrevistas, foram lidas e compreendidas à luz do movimento compreensivo-interpretativo de produção dos sentidos a que a própria colaboradora produz ao narrar (Ricoeur, 2012; Souza, 2014).

Para Silva e Rios (2018, p. 3) definem “O ponto de partida de uma pesquisa (auto)biográfica é sempre a vida do sujeito, que passa a ser narrada e vivenciada em uma outra dimensão temporal, que não aquela em que originalmente os fatos ocorreram”.

Desse feito, portanto, ao adotar o princípio da narrativa (auto)biográfica, o estudo se propôs a compreender as experiências individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos, oferecendo uma

perspectiva profunda e multifacetada de suas trajetórias de vida-formação. Gagliato (2023, p. 53), destaca que:

Ao adotar a abordagem da narrativa (auto)biográfica, ganha-se potencialidade no que tange ao movimento de autorreflexão sobre a história de vida e vivência do sujeito. Essa abordagem nos permite não apenas compreender melhor de nós mesmos, mas também encontrar maneiras de compartilhar histórias pessoais no âmbito de vida-formação, enriquecendo o percurso que nos envolve, harmonizado e fazendo parte do próprio “eu”.

A narrativa (auto)biográfica, ao enfatizar a subjetividade e a singularidade das histórias pessoais, possibilita um olhar mais humanizado e sensível sobre os desafios, conquistas e transformações que marcam a vida dos participantes. Além disso, tal percurso, proporciona a compreensão entre experiências pessoais e processos sociais mais amplos, evidenciando como questões estruturais, culturais e históricas influenciam e são influenciadas pelas trajetórias individuais. Assim, ao valorizar a voz e a perspectiva dos sujeitos, o estudo contribui para uma compreensão mais rica e diversificada no âmbito da vida-formação.

### 3. PÉ NA AREIA, VAMOS ANDAR DE MÃOS DADAS COM A INCLUSÃO?

Caminhar na areia da praia é um pouco desafiador e muitas vezes cansativo por pisarmos em um solo instável. Ao analisarmos a inclusão, percebemos que é semelhante ao caminhar na areia da praia, pois exige de nós flexibilidade e uma abordagem adaptável. Existem muitas teorias que comprovam o quanto esse processo de pisar na areia e de andar de mãos dadas com a inclusão faz bem para o nosso corpo.

Você consegue pensar agora em uma caminhada com os pés na areia da praia? Consegue imaginar que a depender do horário e da estação do mês a areia pode estar quente ou fria, seca ou molhada? Ao pisar na areia e dar cada passo você consegue sentir uma sensação diferente? Da mesma forma, a inclusão na educação envolve habitar um caminho desconhecido, onde cada aluno traz suas próprias experiências, habilidades e necessidades e o professor precisa andar de mãos dadas com a inclusão.

Segundo Silva e Camargo, (2021, p.3) “A inclusão escolar preconiza que não é o aluno quem deve se adaptar à escola, mas sim que é a escola que deve se adaptar às diversas formas de aprender”. Toda escola precisa ajustar as suas práticas e métodos pedagógicos para apoiar todos os alunos, em vez de exigir que os alunos se conformem a um modelo educacional padronizado. É necessário gerar uma conexão, incluir e adaptar exige de nós educadores a experiência da presença e da conexão com cada aluno, compreendendo suas individualidades e oferecendo todo suporte necessário e adequado.

Todo ser humano precisa lidar com desafios e dificuldades em algum momento da vida, e para os professores essa experiência é cotidiana, muitas vezes envolvendo ajudar os alunos a encontrar equilíbrio em suas próprias jornadas. A docência revelou um lugar de realização e equilíbrio para



mim, mas ao viver a experiência da coordenação pedagógica, descobri um novo sentimento: o desejo de ajudar outros professores no processo de ensino e aprendizagem.

Nesse contexto, trago para discussão as narrativas de duas professoras. Segundo Gagliato, (2024, p.4), “Cada escolha, cada encontro, cada experiência constitui o enredo dessa história singular, em que o protagonista e o narrador são um só, recriando e reinterpretando constantemente sua própria trajetória”.

Essa forma de pensar ressoa como metáfora pessoal que é compartilhada. Quando eu era criança, minha mãe me dava água com açúcar quando eu estava chorando, dizendo que era para me acalmar, mas quando fui pela primeira vez conhecer o mar, eu engoli a água salgada e não imaginava que tinha tanto sal, hoje descobri que não era a água com açúcar que de fato me acalmava, era a água salgada do mar, o som das ondas, a maresia gostosa de um entardecer.

A professora “Sons das conchas”, formada em Licenciatura em Educação Musical, recebe esse codinome por trazer as suas experiências musicais como uma sinfonia que se harmoniza com as ondas do mar. Ela enfrentou uma maré alta com perseverança e criatividade ao iniciar a sua experiência na docência, sem ter um preparo para lidar com alunos de inclusão.

Eu colecionava conchinhas do mar, até descobrir sobre a importância de deixá-la no seu habitat natural. Ela emite um som que se assemelha ao som do mar e existem algumas teorias científicas que explicam o som que ouvimos. A forma da concha pode alterar a pressão do ar dentro dela, contribuindo para formar o som que escutamos. Isso pode dar a ilusão de que estamos ouvindo o som do mar, mesmo que ele esteja a quilômetros de distância.

A concha é um lugar de habitação e crescimento para diversos seres aquáticos, ela oferece proteção e segurança. Podemos relacionar isso ao conceito de habitar à docência inclusiva, que deve ser um espaço de aprendizado e crescimento, adaptando-se de acordo com as necessidades específicas de cada aluno, assim como a concha que se ajusta ao tamanho e às exigências dos seres que habitam nela.

De acordo com Gagliato (2023, p. 128):

Esse processo de habitar à profissão docente, carrega um habitar do sujeito, dos seus sonhos e caminhos percorridos nessa trajetória de vida. O sujeito pessoal que somos está intrinsecamente ligado ao sujeito social. Não podemos falar do habitar à docência sem trazer o habitar pessoal, a paixão pelo que fazemos e o amor que colocamos em nossas atitudes diárias que vão gerir todo o nosso potencial de execução.

Dessa forma, o ambiente da docência inclusiva precisa ser seguro e acolhedor, garantindo que todos os alunos se sintam protegidos, assim como os animais marinhos se protegem dos predadores e das adversidades do ambiente em que habitam. O ambiente educacional deve ser um espaço que permite que os alunos se desenvolvam inteiramente, explorando todo o seu potencial. E, assim como os seres marinhos buscam novas conchas à medida que crescem, os alunos, ao progredirem, devem

sentir-se encorajados para procurar novos espaços e oportunidades de aprendizado, encontrando novas formas de habitar o conhecimento.

Trago também a narrativa da professora, “Abrigo nos corais”, pois tive a oportunidade de fazer um mergulho com snorkeling<sup>1</sup> e me apaixonei com a beleza e diversidade de vidas dentro dos diversos caminhos que existem nos corais. Olhando por fora da superfície você não consegue ver a beleza que existe dentro d’água, a quantidade de seres coloridos, transparentes e diferentes que habitam esses lugares. Na educação inclusiva é assim, uma comunidade diversificada de descobertas que precisamos conhecer e explorar, porque se não mergulharmos para olhar a parte interna, não conheceremos a beleza que existe dentro deles. A professora “Abrigo nos corais” oferece segurança e acolhimento para os seus alunos ao se aproximar deles e do seu “mundo” tão singular.

#### 4. O NASCER DO SOL NA ESCOLHA DA DOCÊNCIA

Um dos espetáculos mais lindos da natureza é o nascer e o pôr-do-sol. O termo nascer remete à vida, ao começo de tudo, então vamos começar falando sobre o início do habitar a profissão docente, quando o processo inicial é a preparação na graduação. As professoras destacam a carência e a ausência que tiveram em suas formações para lidar com alunos de inclusão.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece que a formação dos profissionais da educação deve contemplar a preparação para a educação de alunos com necessidades especiais, pois reforça a necessidade de adaptar o currículo, a metodologia e os recursos para que atendam às necessidades dos alunos. Segundo a LDB, art. 59. “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I – currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades.” (Brasil, 1996).

A professora “Sons das conchas” menciona a ausência de qualquer formação específica na área de inclusão, mas ressalta que atualmente eles têm desenvolvido atividades que capacitem os novos professores para a área de inclusão.

Eu sempre acho que a prática ajuda mais até do que a teoria. A teoria é um ponto inicial, mas a prática é o que nos fundamenta. Sei que hoje, na Faculdade de Educação Musical, tem a matéria de Educação Especial Inclusiva e eles fazem vários seminários sobre transtornos globais de aprendizagem. Eles fizeram várias coisas teóricas. Lá no curso, eles estão fazendo vários seminários com atividades práticas voltadas para pessoas que têm essas deficiências amplas, de todas as formas. Claro que a gente sabe que nunca vai ser possível abarcar todas elas, mas sei que eles estão fazendo isso e acho incrível essa iniciativa que estão tendo. (Abrigo nos corais, Entrevista, 2024).

---

<sup>1</sup> Snorkeling é uma atividade recreativa que permite explorar a beleza da vida marinha de perto. Utilizando uma máscara com um tubo para respirar é possível boiar na superfície da água. Tive essa experiência ao conhecer os "Galés de Maragogi" em Alagoas.



Dessa forma, vemos que a importância da prática como um complemento essencial à teoria na educação, embora a teoria forneça a base inicial, é a prática que realmente consolida o conhecimento, que destaca um exemplo específico da Faculdade de Educação Musical, onde a disciplina de Educação Especial Inclusiva promove seminários teóricos e práticos sobre transtornos globais de aprendizagem.

O Decreto nº 7.611/2011 reforça a importância do atendimento educacional especializado, definindo que a educação especial inclusiva deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, com serviços de apoio especializados. Este decreto enfatiza que:

O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas”. (Brasil, 2011).

Assim como o nascer do sol é o marco para o início de um novo dia, as leis e diretrizes são o marco para o acesso à educação inclusiva no Brasil. O decreto de nº 7.611/2011, reforça o nascer da inclusão, que busca assegurar que todos os alunos, independentemente de suas necessidades específicas, tenham acesso à educação de qualidade.

A integração da proposta pedagógica da escola se faz necessária para garantir que as estratégias de ensino e os recursos estejam alinhados às necessidades dos alunos. Isso significa que a escola necessita adaptar seus currículos, métodos de ensino e avaliações para que todos os alunos consigam aprender e participar ativamente das atividades escolares que foram propostas.

O documento também enfatiza a participação da família no processo educativo. A colaboração entre a escola e a família é fundamental para criar um ambiente de apoio e segurança que promova o desenvolvimento integral dos alunos. As famílias exercem um papel fundamental na identificação das necessidades dos alunos e na prática de estratégias que beneficiem o aprendizado e a inclusão.

Para além disso, o decreto ressalta a necessidade de “articulação com as demais políticas públicas”, mostrando que a educação inclusiva deve estar conectada a outras áreas, como assistência social, transporte e saúde e acompanhamentos especializados a depender da necessidade da criança, como psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas, psicopedagogos, neurologistas, para assegurar que os estudantes tenham acesso a todos os recursos necessários para a participação na vida escolar e comunitária.

A professora “Abrigo nos corais!” destaca a superficialidade do conteúdo aprendido no período de graduação: “A minha formação acadêmica, ela não deu nada ligado ao aluno de inclusão. Eu lembro que eu tive uma matéria, mas foi uma matéria bem básica, a gente não entrou a fundo, não. Também não era tão alto, né”. (Abrigo nos corais, Entrevista, 2024).

Entendemos que a grade curricular da graduação é composta por diversas disciplinas, mas percebemos a necessidade de uma disciplina que envolva um estágio, tanto quanto os estágios de educação infantil, anos iniciais e a área de inclusão. A professora esclarece que atualmente a faculdade realiza um projeto onde os alunos do curso de pedagogia realizam atividades com alunos de inclusão duas vezes por semana, mas no ano em que ela estudou, esse projeto não existia: “Eu devo ter pegado essa matéria em 2009 segundo período, segundo ano de faculdade, eu lembro que a gente teve, mas não teve nada fundo, a gente não teve experiência com alunos, a gente não teve a quantidade de laudos que a gente tem. As deficiências que a gente encontra hoje. Eu não vivenciei isso na faculdade (Abrigo nos corais, Entrevista, 2024).

Essa narrativa enfatiza a importância de uma formação que vá além da teoria e inclua experiências práticas. A falta de um aprofundamento durante a formação acadêmica pode resultar em uma preparação inadequada para lidar com as necessidades diversas da sala de aula. Como aponta o documento “Saberes e práticas da inclusão” (SEESP/MEC, 2006, p. 28)

Os programas de formação inicial deverão favorecer a todos os estudantes de pedagogia, do ensino primário ou secundário, uma orientação positiva sobre a deficiência, que permita entender o que se pode conseguir nas escolas, com o suporte dos serviços de apoio disponíveis. O conhecimento e habilidades requeridas dizem respeito principalmente à boa prática de ensino e incluem a avaliação de necessidades especiais, adaptação do conteúdo curricular, utilização de tecnologia de assistência, individualização de procedimentos de ensino, para atender a um maior número de aptidões, etc. Na formação dos professores, atenção especial deverá ser dada à preparação de todos os professores, para que exercitem sua autonomia e apliquem suas habilidades na adaptação do currículo, e da instrução, para atender às necessidades especiais dos alunos, bem como para colaborar com os especialistas e com os pais. (SEESP/MEC, 2006, p. 28)

As experiências compartilhadas pelas professoras “Sons das conchas” e “Abrigo nos corais” demonstram uma lacuna na formação inicial dos professores que estudaram em décadas passadas, sobretudo, na área de inclusão, trazendo a necessidade de preencher essa lacuna com capacitações e investimentos pessoais. Além de reforçar a necessidade nos cursos de licenciatura de mais disciplinas, práticas e estágios. Essas práticas permitem que os novos alunos de licenciaturas que irão atuar em salas de aulas, possam adquirir habilidades que são imprescindíveis para a adaptação e desenvolvimento curricular, colaborando com a família e com os demais especialistas.

A professora “Abrigo nos corais” sugere: “Se você fosse em uma Apae para conhecer vários tipos de deficiências, né, a gente poderia entender melhor como é ter esse aluno numa sala de aula.” (Abrigo nos corais, Entrevista, 2024). Achei uma ideia fantástica, a nível de estágio. Mas além dessa ela apresenta outras sugestões:

“Para melhor preparar os professores para educação inclusiva, de início, seria uma formação inicial, na onde deve incluir uma combinação de conhecimentos teóricos com habilidades práticas, experiências diretas que capacitem atender as diversas necessidades de alunos com deficiência, conhecer as de leis, compreender, né, os princípios da educação inclusiva, os direitos que os alunos têm a educação de qualidade em um ambiente comum, quais são os tipos de deficiências, quais são as suas necessidades, então estratégias de ensino diferenciando a técnicas de adaptação, uso de tecnologias assistidas também para que possam auxiliar o aluno com deficiência, metodologia mais ativa, mais participativa dos alunos, trabalhar com projetos, trabalhos colaborativos. Então, tudo isso que a gente poderia estar trabalhando para ter uma experiência que seja melhor para o aluno. (Abrigo nos corais, Entrevista, 2024).

Essas práticas permitirão que os futuros professores adquiram as habilidades necessárias para adaptar currículos de ensino para atender às necessidades de todos os alunos. Além disso, a parceria entre a escola e a família é fundamental para o sucesso da inclusão. Na formação inicial é necessário incluir estratégias para fortalecer essa parceria, garantindo que os pais sejam parte ativa do processo educativo.

Por fim, a articulação com outras políticas públicas, como a área da saúde e da assistência social, como consta o decreto de nº 7.611/2011, deve ser destacada durante a formação docente. Isso garante que os professores estejam preparados para trabalhar em conjunto com outros profissionais, garantindo o desenvolvimento integral dos alunos de inclusão.

A teoria tripolar de Pineau (2004), nos ajuda a entender a formação dos professores de maneira mais clara, dividida em três partes: autoformação, heteroformação e ecoformação. Esses processos são importantes para o desenvolvimento integral de uma pessoa. Dessa forma, “[...] aprender sobre a vida, que certamente não acontece sem enfrentar dificuldades, o que é fundamental para entender a realidade, o crescimento e a formação contínua” (Pineau, 2004, p. 13).

Para ilustrar esses conceitos, podemos continuar imaginando um cenário na praia. A autoformação, é como colocar os pés na areia, é um momento individual de autorregulação da aprendizagem e de autoconhecimento. Assim como sentimos a textura da areia em nossos pés, nós nos tornamos conscientes de nossas experiências. Esse processo é eficaz para os professores, pois é onde eles conectam suas histórias de vida com sua prática docente. A autoformação envolve reconhecer nossas pegadas na areia da vida, utilizando nossas experiências para crescer e entender melhor o nosso papel como educadores.

Vamos andar de mãos dadas com a inclusão? E assim podemos exemplificar a heteroformação. Podemos relacionar o aprendizado que adquirimos ao nos relacionarmos com os outros, sejam colegas, alunos, famílias ou a comunidade escolar em que convivemos. Nesse espaço, partilhamos e recebemos conhecimentos, trocando experiências que moldam nossa visão sobre inclusão e docência. É através desses encontros e trocas que construímos uma compreensão do coletivo, ampliando nossa perspectiva e prática.

Ao falar do mar e da variedade de seres e de recursos existente nele, podemos pensar na ecoformação, representando o impacto que o ambiente ao nosso redor tem em nossa formação. As marés, as ondas e a brisa do mar simbolizam as influências culturais, sociais e naturais que nos cercam. No contexto educacional, podemos relacionar essa variedade de recursos nas diversas culturas, costumes e situações sociais que afetam como compreendemos e praticamos a inclusão. A ecoformação nos faz um convite para sermos sensíveis e adaptáveis às mudanças e desafios ambientais, agregando essas aprendizagens em nossa prática docente.

Esses encontros na praia simbolizam as diferentes formas pelas quais os educadores se formam e se transformam, sempre em busca de uma prática inclusiva e reflexiva. A história da professora que chamamos de “Sons das conchas” explica essa jornada. Ao compartilhar sua narrativa ela nos mostra como suas vivências pessoais e familiares influenciaram profundamente em sua escolha pela docência e sua dedicação à inclusão. É através dessas narrativas de vida que construímos uma prática pedagógica mais consciente e inclusiva, refletindo sobre como podemos criar espaços de aprendizagem mais acolhedores para todos.

Dessa forma, ao investir em uma formação inicial bem fundamentada e amparada legalmente, com vivências e práticas nos meios comuns de inclusão, estaremos garantindo que o nascer do sol na escolha da docência seja tão belo, inclusivo e cheio de energia quanto o nascer do sol em um dia de verão, aquecendo a todos do mesmo modo.

## 5. MARÉ ALTA: DESAFIOS NA EXPERIÊNCIA INICIAL DA DOCÊNCIA

Ao visitar uma praia, a depender do local que você esteja conhecendo é sempre bom olhar a tábua das marés, para desfrutar de belezas naturais que são vistas apenas na maré baixa, ou na maré alta. Ao caminhar pelo famoso "Caminho de Moisés" em Alagoas, é necessário que a maré seja baixa, pois permite que uma trilha de areia ocorra no meio do mar, criando um caminho mágico para os visitantes. Por outro lado, para experiências como observar corais ou mergulhar em piscinas naturais formadas na maré alta, é crucial que a maré esteja alta para que a água cubra essas áreas e realce sua beleza. Assim como as marés nos oceanos, a jornada de um professor é marcada por momentos de altos e baixos que nos ensinam a enxergar o mundo de maneiras diferentes. As experiências das professoras “Sons das conchas” e “Abrigo nos corais” ilustram a necessidade de preparação e de recursos.

A professora “Sons das conchas” enfrentou dificuldades emocionais e a sensação de estar sozinha em seu primeiro ano de experiência em sala de aula. Enquanto isso, a professora “Abrigo nos corais” encontrou alguns obstáculos na adaptação de recursos para enfrentar os desafios da educação inclusiva.

**Quando a maré está alta, os pescadores encontram muitos desafios.** É mais difícil encontrar as áreas de pesca, exigindo que os pescadores naveguem por águas mais profundas ou desconhecidas. As ondas são maiores e existem correntes mais fortes que podem tornar a navegação mais arriscada, aumentando o risco de acidentes e tornando mais difícil controlar a embarcação. De forma semelhante acontece na educação inclusiva, os professores enfrentam os desafios de atender as necessidades individuais que nem sempre é evidente ou possível. Os peixes e outros seres aquáticos ficam mais dispersos por terem um ambiente com mais espaço para se distanciar dos pescadores, dificultando encontrar e capturar as espécies desejadas.

Com as condições mais desafiadoras, o trabalho se torna mais árduo e fisicamente cansativo, exigindo mais esforço dos pescadores para manter a produtividade. Sem contar nos ajustes e manutenções que é preciso dar aos equipamentos de trabalho. Você consegue perceber alguma semelhança com o desafio do professor na educação inclusiva? Como destaca Makida-Dyonisio, Martinic e Gimenez (2024, p. 3) “Reconhecidamente, a efetivação da inclusão no âmbito escolar perpassa por aspectos como o currículo, os espaços e a infraestrutura utilizada, bem como a natureza das práticas pedagógicas.”

Do mesmo modo, assim como os pescadores precisam de equipamentos adequados e conhecimento específico sobre como navegar em marés altas, os professores precisam buscar a autoformação, a autorregulação e os recursos apropriados para melhor desenvolver o seu trabalho. Assim como os pescadores precisam explorar novas rotas, os professores devem descobrir e adaptar-se às diversas maneiras de acolher e incluir cada aluno. Não há dúvidas que os professores que têm alunos de inclusão enfrentam um esforço ainda maior para garantir que alunos com necessidades específicas recebam o suporte necessário. Isso exige mais dedicação e uma abordagem diferenciada.

Com a alta maré, os peixes e organismos marinhos se dispersam, tornando mais difícil para os pescadores localizá-los e capturá-los. Da mesma forma, na sala de aula, alguns alunos podem se dispersar e mostrar desatenção, tornando mais desafiador para os professores mantê-los engajados e concentrados. Os professores precisam encontrar maneiras de atrair e manter a atenção desses alunos, assim como os pescadores precisam adaptar suas técnicas para capturar peixes que estão mais dispersos, mas eles também podem pedir ajuda, de acordo com o documento “Saberes e práticas da inclusão”.

Os administradores locais e os diretores de escolas podem dar uma grande contribuição para que as escolas respondam mais a crianças com necessidades educacionais especiais, desde que a eles seja dada a autoridade necessária e adequada capacitação. Eles devem ser convidados a desenvolver uma administração com procedimentos mais flexíveis, a remanejar recursos pedagógicos, a diversificar as opções educativas, a facilitar a mútua ajuda entre crianças, a oferecer apoio a alunos que estejam experimentando dificuldades, e estabelecer relações com pais e a comunidade. (Brasil, 2006, p. 28)

Ao pedir ajuda evitamos o desgaste físico e emocional, pois entendemos que tem mais pescadores nesse barco: coordenadores, orientadores e a direção do colégio precisa mergulhar de cabeça nesse processo. A união faz a força! Os pescadores estão no mar em qualquer tempo, seja com a água fria do inverno ou no calor do verão, porque aquela é a sua profissão, o seu modo de sobrevivência. O professor também precisa se adaptar ao clima da sala, especialmente quando precisa adaptar suas práticas pedagógicas para atender às diversas necessidades dos alunos, pois ali é o seu ambiente de trabalho. A professora “Sons das conchas” diz:

Eu, inicialmente, tentava fazer alguma coisa, planejava, fazia dez planejamentos, todos davam errados e este aluno não reagia. Eu chorava e fazia mais dez planejamentos, eu chorava. Isso acontecia nos primeiros seis meses, provavelmente, mas eu nunca desisti. Eu sempre tentei novas abordagens e, depois de um tempo, eu comecei a estudar e ler bastante sobre o assunto para tentar entender um pouco melhor. (Sons da concha, Entrevista, 2024).

Ao analisar as experiências educacionais, torna-se cada vez mais evidente a necessidade de uma formação inicial de professores que também aborde aspectos psicossociais, além de estratégias para lidar com frustração, perda e sentimentos de incapacidade. Isso é enfatizado segundo Papim, Araujo, Paixão e Silva (2018, p. 92):

O processo de formação precisa ser capaz de lidar com características psicossociais de futuros professores, tais como suas, levando-os a refletirem sobre elas e eventualmente modificá-las em consonância com as demandas efetivas do processo de ensino e aprendizagem.

Essa formação, deve não apenas construir conhecimentos teóricos, mas também promover a autocrítica e o desenvolvimento contínuo, preparando os professores para enfrentarem os desafios da inclusão de maneira ativa e compassiva. As estratégias encontradas pelas professoras demonstraram proatividade em buscar conhecimento além da formação inicial, destacando a importância da atualização constante. A professora “Sons das conchas” relata o que precisou fazer para capturar esses “peixes dispersos”:

“Eu gosto muito de pesquisar na internet e principalmente em fóruns de redes sociais sobre como é a vida dessas pessoas com os transtornos. Se você olha no DSM quais são as características de cada transtorno ou deficiência, não tem como saber como isso afeta a pessoa no dia a dia. Quando você observa esses fóruns e ouve as pessoas dizendo como isso afeta a vida delas, consegue entender um pouco melhor” (Sons das conchas, Entrevista, 2024).

Essas ações apontam a necessidade de adaptações contínuas, do mesmo modo, a professora “Abrigo nos corais” relata que buscou se atualizar.

Estou fazendo curso online para me preparar melhor para o mundo da educação inclusiva, bastante empolgada. Essas novas habilidades, conhecimentos serão extremamente úteis para criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo, acolhedor para todos os alunos. (Abrigo nos corais, Entrevista, 2024).

A professora “Sons das conchas” utilizou fóruns online e experiências pessoais, enquanto a professora “Abrigo nos corais” participou de cursos e treinamentos. Elas demonstraram a grande necessidade em buscar por conhecimento e atualização. Assim como a maré alta exige que os



pescadores se adaptem e se esforcem mais, a educação inclusiva exige que os professores se adaptem e se esforcem mais, desenvolvendo a criatividade e a resiliência, buscando sempre o aprimoramento.

## 6. JOGUEM AS REDES: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICA ATUAL

Eu aprecio muito as histórias de pescadores, dizem até que são histórias cheias de exageros, mas a bíblia relata uma história verdadeira de alguns pescadores que passaram a noite pescando e não obtiveram êxito. No livro de Lucas, no capítulo 5 e nos versículos do 4 ao 7, encontramos a narrativa. Eles estavam frustrados com as inúmeras tentativas que não deram certo. Mas ao encontrar com Jesus e ao ouvir o comando para jogar a rede do outro lado, eles assim o fizeram e conseguiram uma pesca abundante. Eles estavam falando com o Criador dos mares, o dono do conhecimento.

Muitas vezes, quando nos sentimos cansados, somos convidados a continuar, a tentar jogar a rede mais uma vez. Assim como os pescadores seguiram a orientação de Jesus e descobriram novas oportunidades, a prática inclusiva nas escolas pode ser compreendida como um convite para “jogar as redes” de maneira diferente. A inclusão nos provoca a explorar novas metodologias e estratégias que distinguem e avaliam as diferenças individuais e a ressignificar os métodos tradicionais que podem não aprovar todos os alunos.

A professora Abrigo nos corais (entrevistada, 2024), seguiu esse modelo ao participar de cursos e treinamentos, aprendendo a utilizar novas técnicas, ela relatou: “trabalho no desenvolvimento do plano de ensino individual que é o PEI para atender as suas necessidades específicas”.

Segundo Silva e Camargo (2021, p.5) “O Plano Educacional Individualizado é uma das modalidades de individualização do ensino que permite atentar para as necessidades de aprendizagem do estudante com deficiência ao planejar os métodos e estratégias de ensino a serem utilizadas”. Esse documento individual do aluno, embora foque no aluno, precisa estar voltado para o conteúdo dado na turma a qual o aluno está inserido, fazendo as adaptações necessárias dentro das necessidades desse aluno, sem minimizar ou diminuir a importância do currículo. Oliveira, Silva e Zilly (2022, p. 6) afirmam:

O PEI, como um instrumento norteador, vem auxiliar nestas dificuldades. Aplicado desde a Educação Infantil, permite um direcionamento da vida escolar da criança, e a continuidade da utilização do PEI possibilita direcionar o ensino a partir do que foi realizado e adquirido e, embasado nestas informações, planejar o que ainda precisa ser alcançado. A prática do PEI deve envolver todos os espaços e profissionais da escola, mas deve abarcar, principalmente, a sala de aula comum, tornando a atuação do professor regente essencial nesse processo.

A professora “Sons das conchas” procurou se aproximar de seus alunos e desenvolveu a empatia para conseguir dar suas aulas de musicalização, ela relatou a hipersensibilidade dos alunos com autismo e conseguiu encontrar uma maneira de ajudá-los em suas aulas.

“Acho que para todo educador que se preocupa com as necessidades especiais, é importante estar sempre atento, conversando com a família, coordenação e orientação pedagógica, e continuar pesquisando. Devemos procurar ter um olhar o mais amoroso possível em relação a essas crianças” (Sons das conchas, Entrevista, 2024).

Ao adaptarmos a nossa prática pedagógica e abraçarmos a inclusão, pescaremos com sucesso. Segundo Dias (2017, p. 02):

Os currículos escolares brasileiros são geralmente organizados por disciplinas, com ênfase, sobretudo na área cognitiva. Esses deveriam ser tecidos nas tramas da afetividade e racionalidade em defesa de uma educação compromissada com a formação de pessoas livres, íntegras, críticas, autônomas, criativas, responsáveis e amorosas, cuja vida seria pautada nos princípios de igualdade, justiça, reciprocidade e cooperação, tendo em vista a construção de um mundo melhor e mais fraterno.

Quando nos empenhamos a ouvir os conselhos daqueles que já trilharam esse caminho e atualizar a nossa prática pedagógica, estamos lançando nossas redes do outro lado, procurando novas oportunidades e métodos que verdadeiramente façam a diferença. A implementação do Plano Educacional Individualizado (PEI), e outras estratégias inclusivas são ferramentas importantes que nos ajudam a alcançar esse objetivo.

Assim como os pescadores encontraram sucesso quando seguiram a orientação de Jesus, poderemos encontrar o sucesso ao nos aproximarmos dos nossos alunos com um olhar de amor e de aceitação, valorizando suas conquistas e os ajudando a encontrar uma solução para as suas dificuldades.

## RESULTADOS

### RECOLHENDO AS REDES: RESULTADOS DAS DESCOBERTAS

À medida que o sol se põe no horizonte, observamos os barcos chegando com suas pescas. É o momento de recolher as redes e analisar o que foi pescado, nesse momento percebemos que todos os pescadores ajudam a retirar o peso das redes. Assim também, ao recolhermos as redes de nossa investigação, identificamos resultados significativos que contribuem para a inclusão e desenvolvimento dos professores. Juntos, conseguimos dividir o peso da rede de responsabilidades.

Este artigo, explorou as complexidades da educação inclusiva, utilizando a metáfora da praia, do mar e do nascer do sol, desenhamos um cenário inspirador. As narrativas das professoras “Sons das conchas” e “Abrigo nos corais” evidenciam a importância do suporte institucional da formação continuada e da junção entre a teoria e prática pedagógica.

A professora "Sons das Conchas" compartilhou que, no início de sua carreira, enfrentou grandes desafios ao tentar incluir um aluno com autismo, devido à falta de formação específica sobre inclusão. Sua trajetória de vida e perseverança foram cruciais para desenvolver estratégias e

metodologias mais eficazes. Ela destacou a importância de suporte institucional e programas de formação contínua na graduação.

Por outro lado, a Professora “Abrigo nos Corais” enfrentou obstáculos semelhantes ao proporcionar um ambiente inclusivo e adequado para seus alunos com deficiência. Ela ressaltou a necessidade de combinar conhecimento teórico com habilidades práticas na formação inicial dos professores. Sua busca contínua por desenvolvimento profissional, através de cursos, tem sido essencial para aprimorar sua prática pedagógica.

As experiências compartilhadas pelas narrativas das duas professoras demonstram que a inclusão efetiva requer um olhar mais atento e afetuoso, além de um esforço contínuo para compreender e atender às necessidades individuais de cada aluno. As narrativas apresentam o compromisso e a dedicação de ambas as professoras como uma ferramenta indispensável para promover uma educação verdadeiramente inclusiva.

Além disso, o estudo enfatiza a importância do processo formativo dos docentes frente às demandas específicas da educação inclusiva. A formação contínua e a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas são fundamentais para que os educadores desenvolvam a competência necessária para atender às diversificadas necessidades dos alunos com deficiência, assegurando que todos tenham acesso a uma educação de qualidade.

Contudo, o estudo revelou que o habitar à docência vai além do conceito de uma simples permissão. Mas que, a abertura para o aprendizado ocorre quando um docente se permite vivenciar à docência, aprendendo com os outros e através de processos de autoformação, ecoformação e heteroformação.

Sendo assim, a formação de docentes para a inclusão deve ser um compromisso coletivo, envolvendo não apenas os educadores, mas também as instituições de ensino, as famílias e a sociedade em geral. A promoção de uma cultura inclusiva requer um esforço conjunto, em que todos os envolvidos se sintam responsáveis e motivados a contribuir para o sucesso educacional dos alunos com deficiência.

Dessa forma, a formação de professores não é apenas uma etapa inicial na carreira docente, mas uma jornada contínua de crescimento e transformação, onde a busca pelo conhecimento e pela melhoria da prática pedagógica se torna um valor intrínseco à identidade profissional.

# REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.* Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 28 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Saberes e práticas da inclusão: recomendações para construção de escolas inclusivas. Brasília, DF.: MEC, 2006. (Série Saberes e Práticas da Inclusão)

BRASIL. *Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.* Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 nov. 2011. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2011/decreto/d7611.htm). Acesso em: 28 jul. 2024.

DIAS, Marli Mendes. *O lugar da afetividade no cotidiano escolar.* São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0382.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2024.

GAGLIATO, J. F. **Constituição da identidade docente de bacharéis em engenharia: narrativas do habitar a docência na universidade**, 2023, 159 f., Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

PAPIM, A. A. P.; ARAUJO, M. A. de; PAIXÃO, K. de M. G.; SILVA, G. de F. da (Orgs.). **Inclusão Escolar: perspectivas e práticas pedagógicas contemporâneas.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

MAKIDA-DYONISIO, C.; MARTINIC, S.; GIMENEZ, R.. *Prática pedagógica, contextos físicos e sociais: implicações para a inclusão.* *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 30, e0016, 2024. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-653820240001000300&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-653820240001000300&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 31 jul. 2024. Epub 14 abr. 2024. <https://doi.org/10.1590/1980-54702024v30e0016>.

MENDES, G. M. L.; SILVA, F. C. T.; PLETSCH, M. D. *Atendimento educacional especializado: por entre políticas, práticas e currículo – um espaçotempo de inclusão?* *Revista Contrapontos-Eletrônica*, v. 11, n. 3, p. 255-265, set.-dez. 2011.

MIGNOLO, Walter. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 34, p. 287-344, 2008. Disponível em: [http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia\\_epistemica\\_mignolo.pdf](http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf). Acesso em: 28 jul. 2024.

MOTA, C. M. de A. *Autobioformação: processos formativos constituídos e redimensionados pelo vivido.* *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, [s. l.], v. 8, n. 23, p. e1108, 2023. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2023.v8.n23.e1108. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/15081>. Acesso em: 5 out. 2023.

OLIVEIRA, M. A. de; SILVA, R. M. M. da; ZILLY, Adriana. *Plano educacional individualizado para a inclusão da criança autista na Educação Infantil.* *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 39, n. 118, p. 40-53, abr. 2022. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862022000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862022000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 28 jul. 2024. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20220004>.

PINEAU, G. **Temporalidades em formação**. TRIOM: São Paulo. 2004.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa 1**: a intriga e a narrativa histórica. Tradução de Claudia Berliner. 2ª tiragem. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2012.

SILVA, F. O. da. Tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa qualitativa. *Práxis Educativa*, **Ponta Grossa**, v. 15, p. 1-15, 2020 Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 03de mar. 2022.

SILVA, F. O.; RIOS, J. A. V. P. Aprendizagem experiencial da docência no PIBID. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 202-218, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.13i1.0012>.

SILVA, G. L. da; CAMARGO, S. P. H. *Revisão integrativa da produção científica nacional sobre o Plano Educacional Individualizado*. **Revista Educação Especial**, [s. l.], v. 34, p. e49/1–23, 2021. DOI: 10.5902/1984686X66509. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/66509>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SOUZA, E. C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação, Santa Maria**, v.39, n.1, p.39-50, jan./abr.2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644411344>.